

# Contribuição da *Laudato Si* para a ecoteologia a partir da “ecologia integral”

Tiago Vicente Rodrigues de Melo<sup>1</sup>

**Resumo:** A ecoteologia, em tempos de Francisco, conquistou importantes espaços na reflexão teológica contemporânea graças ao trabalho de docentes e pesquisadores, e recebeu maior impulso com a Encíclica *Laudato Si*. O presente artigo visa abordar alguns elementos constitutivos da ecoteologia, bem como compreender o conceito de “ecologia integral”, proposto pelo pontífice, que reúne e articula várias facetas da ecologia: ambiental, humana, econômica e cultural. Assim, este exercício apresenta um panorama em perspectiva holística e holográfica da ecoteologia, com a contribuição da *Laudato Si*.

**Palavras-chave:** Ecologia. Teologia. Ecoteologia. *Laudato Si*. Ecologia Integral

**Summary:** Ecotheology, in Francis’ time, conquered important spaces in contemporary theological reflection thanks to the work of teachers and researchers, and received greater impetus with the Encyclical *Laudato Si*. This article aims to address some constituent elements of ecotheology, as well as to understand the concept of “Integral ecology”, proposed by the Pontiff, which brings together and articulates several facets of ecology: environmental, human, economic and cultural. Thus, this exercise presents an overview in a holistic and holographic perspective of ecotheology, with the contribution of *Laudato Si*.

**Keywords:** Ecology. Theology. Ecotheology. *Laudato Si*. Integral Ecology

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo faz um sobrevoo, com duas asas distintas e complementares, sobre um dos temas mais contemporâneos e necessários: a ecologia. Tais asas são a Ecoteologia e a *Laudato Si* (LS). A teologia, mesmo que indiretamente, abriu-se à reflexão ecológica já desde muitos anos com a Doutrina Social da Igreja (DSI). Contudo, só agora com o papa Francisco, especialmente com a *Laudato Si*, Encíclica publicada em 2015, a ecologia se tornou eixo central e preocupação integral no Magistério da Igreja.

<sup>1</sup> Tiago Vicente Rodrigues de Melo foi bolsista do CNPq e foi orientando do Prof. Dr. Afonso Tadeu Murad em sua iniciação científica como estudante de Teologia, que realizou entre 2017 e 2018, vinculando-se ao projeto de pesquisa de seu orientador, intitulado “Ecoteologia. Singularidade, temas relevantes, perspectivas”, que pertence à Linha de Pesquisa “Tendências éticas atuais”, do PPG em Teologia da FAJE. Seu artigo foi indicado pela instituição ao 16º Prêmio Destaque na Iniciação Científica e Tecnológica do CNPq em 2019 (referência 2018). Tiago concluiu o seu bacharelado em Teologia na FAJE em 2018, e é também Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM-SP), curso concluído em 2014. E-mail do autor: [giacomovicente@gmail.com](mailto:giacomovicente@gmail.com)

O artigo relaciona o Documento do papa Francisco com a teologia ecológica. Para tanto, no primeiro momento traça as características do que é a ecoteologia, sua originalidade, seus principais temas, a ética e alguns elementos de sua práxis. Depois, garimpando na Encíclica papal, apresenta o conceito de Ecologia integral e sua complexa formação e interação entre as mais variadas ecologias: humana, ambiental, econômica, cultural, etc. Vale-se também de uma apresentação do documento, com alguns eixos. Na última parte, o texto articula alguns pensamentos da *Laudato Si* e da Ecologia Integral para a ecoteologia, demonstrando que, para além de aporte, o documento e o conceito são complementares à teologia ecológica. Utilizam-se alguns autores renomados na área e uma bibliografia atualizada.

Acreditamos que o tema abordado é de suma importância, visto que a *Laudato Si* versa sobre o cuidado da Casa Comum. É um documento instigante e denso que escancara a realidade crítica de nossos dias, e oferece caminhos possíveis, individuais e coletivos, micro e macro políticos, com a exigência da “conversão ecológica”, à luz do Evangelho de Cristo.

O papa Francisco nos convida a tornar-nos seres humanos novos, ecologicamente convertidos, ecoespirituais, capazes de nos perceber como parte de um todo, pois tudo está estreitamente interligado (LS, n. 16). Assim, a ecoteologia, consciente de seu papel, busca fomentar na reflexão teológica e na práxis pastoral a consciência ecológica que surge de uma conversão urgente e necessária. É possível? Sim, é possível.

## 2. ECOTEOLOGIA: O QUE É?

A ecologia está se tornando, cada vez mais, pauta das diversas áreas do conhecimento. Ela se transformou num eixo para pensar a elaboração de conteúdos, de serviços ou de produtos. Não poderia ser diferente para a teologia que se abre ao debate e à reflexão da emergência ecológica, desenvolvida a partir da segunda metade do século 20. Graças ao impulso dado pelo papa Francisco com a “encíclica verde”, a Igreja, ministros, teólogos e teólogas de todo o mundo, especialmente da América Latina, veem-se motivados a integrar ao discurso teológico cristão o “cuidado com a casa comum”, como lugar de todos. Traz nova percepção do planeta como relação entre os seres e toda a criação como espaço, por excelência, da experiência salvífica em Jesus, “o homem perfeito, (...) que é antes de todas as coisas, e pelo qual todas as coisas subsistem” (Cl 1,17).

Para se chegar à ecoteologia, tema próprio deste capítulo, faz-se necessário caracterizar o que é a teologia cristã e o seu jeito próprio de produzir conhecimento. Há uma estreita relação entre teologia e fé. Enquanto a primeira é a construção discursiva do pensamento cristão da experiência de Deus e do evento Cristo, a segunda é um movimento interno de predisposição, confiança e entrega, ou, segundo a Carta aos Hebreus, a fé é a atitude própria do crente (Hb 11,1). E, nas palavras do padre Libânio: “a fé é intuitiva; a teologia é discursiva. Parte dos dados da fé, em busca de maior clareza. A teologia é organização e desenvolvimento do

revelável” (LIBÂNIO, 1987, p. 214). Assim, podemos concluir que teologia ou fazer teologia é “crer para entender e entender para crer”<sup>2</sup>.

Ainda sobre a relação entre teologia e fé, o papa Bento XVI, em 2012, convocou todos os cristãos a viverem o “Ano da Fé”. Escreveu a carta convocatória, sob a forma de um *Motu Proprio*, intitulado *Porta Fidei (PF)*- Porta da Fé, tendo como horizonte celebrativo a primeira sessão do Concílio Vaticano II (PF, n. 5) e os 20 anos do Catecismo da Igreja Católica (PF, n. 4). De teor didático e preciso, o documento propôs redescobrir o caminho percorrido da fé e do encontro com Jesus, por meio do batismo, porta para a vida cristã, mostrando que a fé cristã é suficientemente capaz de construir um pensamento racional (PF, n. 6). Ou seja, o documento aborda a problemática entre fé e razão vivida pelos Padres em tempos passados e que, pedagogicamente, o Magistério da Igreja, a partir dessas experiências ao longo dos séculos, foi construindo seu arcabouço teológico clássico.

O teólogo Afonso Murad afirma que “a teologia é a reflexão sobre a fé cristã ou a partir dela, realizada de forma sistemática, crítica e sábia. Hermenêutica da fé, recebida, vivida e transmitida nas Igrejas, que contribui para a evangelização e a expansão do Bem no mundo” (MURAD, 2016, p. 208). A teologia, partindo do próprio Jesus, na fé que nos agrega a seu projeto (Reinado de Deus), “caracteriza-se por dar as razões daquilo que cremos e esperamos” (MURAD, 2016, p. 207). A teologia, então, prepara e capacita o fiel, no exercício da inteligência, para a relação com Deus e o seu Evangelho encarnado, que é Jesus Cristo, por ação do Espírito Santo.

O papa Francisco na *Gaudete et Exultate* (2018) diz que compreendemos de forma pobre todo o mistério dado por Deus, visto que a razão é limitada. Mas, mesmo assim, na construção da teologia, conseguimos expressar a verdade que recebemos do Senhor a partir das diversas maneiras que a Igreja possui de interpretar a doutrina e a vida cristã à luz da Palavra (GE, n. 46). E é nesta perspectiva que surge a teologia ecológica ou a ecoteologia. É uma válida e própria teologia cristã que, como as demais teologias, contém elementos próprios e compartilhados da teologia clássica, oferecendo uma necessária contribuição para responder às necessidades latentes do mundo hoje (MURAD, 2016, p. 208).

O termo ecoteologia é uma composição de duas palavras: ECO + TEOLOGIA que, justapostas, traçam uma nova perspectiva de conhecimento. Ecologia, de modo geral, pode ser entendida em relação com o meio ambiente. É a compreensão complexa dos ecossistemas, almejando o bem viver de todos os seres na terra. Não é uma ciência sobre a natureza, mas uma ciência sobre as relações entre todos os seres: bióticos (micro-organismos, plantas, animais e humanos) e abióticos (solo, água, ar, energia do sol), na Terra (MURAD, 2016, p. 22). A palavra ecologia tem seu prefixo que vem do grego *Oikos* que quer dizer “casa”. A casa é um ambiente complexo, no qual coabitam todos os seus moradores. Portanto, mais do que um “estudo do verde”, a ecologia é uma ciência integradora.

2 Do Comentário aos Salmos de Santo Agostinho, 118, XVIII, 3 na Coleção Patrística, ed. Paulus, vol. 9/3, p. 457-458: “Intellige ut credas. Crede ut intelligas”.

Segundo Murad, a ecologia abarca pelo menos três âmbitos: ciência, ética e paradigma. A ciência no que se refere à interdependência de todos os seres. A ética trata da responsabilidade, o cuidado e respeito com o planeta para que todos possam usufruir com dignidade e justiça e, por fim, o paradigma, ou seja, modelo pós-antropocêntrico que compreende a humanidade e o cosmos como uma relação de interdependência e reciprocidade. Assim, a ecologia apresenta várias vertentes, dentre as quais a ambiental, mental, social e a integral (MURAD, 2016, p. 212).

O termo teologia, por sua vez, também tem um prefixo grego *theós* (Deus). Adentra nas realidades divinas e da fé que são próprias da experiência humana religiosa. Considera-se uma ciência, pois contém metodologia, objeto e produz conhecimento, bem como uma práxis. O seu método está em relação à manifestação do objeto, que é Deus e sua revelação. Teologia é colocar Deus no discurso humano. É um empreendimento humano de compreensão do divino que, pela fé, traça um caminho entre ele e Deus (LIBÂNIO: MURAD, 1998, p. 67).

Como vimos, a partir dessas definições, ecoteologia não é apenas uma área da teologia ou um espaço para debater a ecologia no ambiente teológico. Isso seria diminuir seu objetivo. Trata-se de “pensar a fé no horizonte da consciência planetária” (MURAD, 2016, p. 211). Dessa maneira, a ecoteologia tem a função de dialogar e de trazer novos elementos para a fé, apresentar novas perspectivas para a antropologia (LS, n. 69) e a espiritualidade cristã (LS, n. 202). A propósito, diz Afonso Murad:

Do ponto de vista do conteúdo, o núcleo da ecoteologia seria a compreensão unificada da complexa experiência salvífica (criação, história, encarnação, redenção e consumação) em processo de realização, incluindo necessariamente a ecoesfera, a comunidade biótica, todos os seres (MURAD, 2009, p. 288).

A ecoteologia provoca uma revolução, visto que uma doutrina ecológica dá origem a um novo jeito de pensar Deus. Não mais separado: Deus lá nas alturas e o mundo aqui abaixo. Mas sensibiliza o reconhecimento da presença de Deus *no* mundo e, por sua vez, o mundo *em* Deus (MOLTMANN, 1993, p. 32). Nos Evangelhos sinóticos, por exemplo, Jesus mostra essa íntima e profunda conectividade com a Criação por meio de suas parábolas, ensinamentos e atitudes. Inúmeras vezes Ele utiliza a natureza como exemplo para a humanidade: “Sejam prudentes como as serpentes e simples como as pombas” (Mt 10,16); “olhai os lírios do campo” (Mt 6,28); “O Reino de Deus é como o grão de mostarda” (Mt 13,31; Mc 4,31; Lc 13,19), etc. É como se existisse uma mensagem de que não é a natureza que deve se moldar ao humano, e sim o humano que deve seguir o “exemplo” da natureza. A criação é o lugar, por excelência, da predestinação da humanidade. A pessoa humana é chamada a configurar-se a Cristo, pelo Espírito, na Criação, obra de Deus Pai Criador. Cada pessoa humana é constituída e criada com imensa dignidade, “imagem e semelhança” (Gn 1,26), mas, é na contemplação do todo de sua obra: a pessoa, os elementos da natureza, a fauna e a flora, que o Artista

do Universo regozija, de acordo com o autor bíblico: “E Deus viu tudo o que havia feito: e era muito bom” (Gn 1,31).

Aqui não vamos nos adentrar na teologia da Criação, mas apenas ilustrar como o todo criado também será redimido. A narrativa bíblica do Gênesis apresenta a realidade humana a partir de uma tríplice relação: com Deus, com o outro e com a terra (LS, n. 66). Há uma harmonia originária que é rompida pelo pecado; mas em Cristo, “todas as coisas são recapituladas” (Ef 1,10). Dentro da dinâmica da ecoteologia, somos chamados a restaurar a relação harmoniosa entre as coisas criadas através de uma “conversão ecológica” (LS, n. 217) para desenvolver em nosso meio soluções criativas e entusiastas capazes de resolver muitos dos dramas existentes no mundo (SUESS, 2017, p. 48).

Para tanto, a ecoteologia traz elementos novos para o pensar teológico, causando estranheza aos que estão plastificados a uma teologia “tradicional”. E ainda mais, ela trabalha na conversão do paradigma antropocêntrico moderno (LS, n. 115).

A ecoteologia, portanto, opera uma transformação no paradigma antropocêntrico, que entranha a teologia contemporânea. Propõe, a partir de dentro, uma articulação estreita entre a reflexão teológica e a espiritualidade. Além disso, do ponto de vista prático, postula mudanças na ética cristã, ao incorporar “o grito da Terra” e exigir atitudes individuais, ações coletivas, políticas públicas e processos de gestão que visem à sustentabilidade da vida no nosso planeta. A ecoteologia só se entende na interdependência de espiritualidade, ética e reflexão (MURAD, 2009, p. 290).

A ecoteologia amplia a visão do cristão e da cristã no mundo, quando esses enxergam-se em relação com todas as coisas criadas: “Tudo está interligado” (LS 16, 91, 117, 138 e 240). Afirma Murad: “O cristão se vê desafiado a ampliar sua autocompreensão (quem sou eu, quem é o ser humano neste mundo) e a repensar suas relações com os outros seres abióticos e bióticos na grande, bela e complexa teia da vida no nosso planeta” (MURAD, 2016, p. 213). Nesse novo olhar, eles não se veem mais como aqueles que são donos e subjagam a criação, mas se reconhecem como responsáveis. O ser humano é, então, participante da obra criadora de Deus, dando nome às criaturas (Gn 2,20) e sendo co-criador: “Crescei e multiplicai-vos” (Gn 1,28).

## 2.1 ORIGINALIDADE DA ECOTEOLOGIA

Assim como a teologia e as demais ciências, a ecoteologia tem o seu método, linguagem e conteúdo próprios. E como algumas ciências modernas, busca romper com a lacuna que há entre o sujeito e o objeto no processo epistemológico. Ou, como diz Moltmann, a ecoteologia almeja abandonar o pensamento analítico e a distinção sujeito-objeto e empreende um novo modo de compreensão que é comunicativo e integrativo (MOLTMANN, 1993. P.

18). Em outras palavras, segundo o mesmo teólogo, o imaginário e a fantasia, em relação a Deus e à teologia, são necessários, pois, “se afastamos a fantasia da teologia a mataremos” (MOLTMANN, 1993, p. 21). Portanto, há uma abertura e valorização da ciência à experiência humana e à revelação, que é a manifestação de Deus na concretude da história da humanidade. Sobre isso, Afonso Murad diz:

O método da ecoteologia combina vários acessos à comunhão da criação: tradição, experiência, ciência, sabedoria, dedução, intuição. Expressa-se por símbolos e não somente por conceitos, que configuram o inconsciente e regulam a consciência. Por fim, incorpora imaginação criativa e preme de esperanças no futuro (MURAD, 2016, p. 216).

A ecoteologia toma força a partir da crise ecológica que põe em xeque os limites do desenvolvimento e da técnica exploratória da terra, fruto da desordenada ação humana que se evidenciou na crise dos modelos de extração dos recursos naturais, forçando a conscientização de que a terra e seus recursos não são infinitos (BOFF, 2012, p. 41). Tal consciência ecológica basicamente surgiu na década de 70, tendo como um dos apostadores o relatório do Clube Roma (1972) sobre os limites do desenvolvimento, que chamou a atenção internacional para o problema. A partir daí a teologia começa a se deparar com limites éticos, derivados da crise da dominação humana sobre a criação de Deus que limita o bem viver da humanidade e traz sofrimento, injustiça e exploração do pobre.

Essa chave interpretativa eclode, também, graças às mudanças causadas pela modernidade e às tentativas da Igreja em responder às necessidades e anseios da humanidade do novo século. A Igreja, e conseqüentemente a teologia, que anteriormente viu-se em confronto com a modernidade, abriu-se ao diálogo, já que estava no advento do Concílio Vaticano II (1962-1965). Desde então, com o Concílio, a reflexão teológica, ganhou novos ares e perspectivas. E certamente o tema da ecologia era tema preocupante para o magistério. Segundo Gibellini, refletindo sobre a teologia da criação de Moltmann, na obra *Deus na Criação* (1985), a teologia não estava apenas preocupada agora com a secularização, mas, vendo a crise ambiental, fixa o olhar para a concepção bíblica e antropológica do homem em relação à criação. E se esta visão bíblica pode ser responsável pela exploração radical da criação. Percebeu-se, então, que a natureza foi abandonada à técnica e à tecnologia, enquanto que a teologia preocupou-se, apenas, pela história da salvação. E isso deve ser diferente. Ou seja, a humanidade, a criação e a sua história devem ser vistas como um “ecossistema Terra” (GIBELINNI, 2012, p. 559).

A preocupação ética nos princípios da teologia ecológica, as novas reflexões teológicas e o desenvolvimento das ciências naturais que favorecem um maior conhecimento dos ecossistemas e das relações entre os seres na terra, vão contribuindo para a ecoteologia dando forma própria para ela. Por sua vez, a ecoteologia exige mudanças na ética cristã, por exemplo, ao afirmar que as dores da terra (Rm 8,22) são também as dores da humanidade. Tal afirmação exige um agir profético que vise políticas públicas e sustentáveis capazes de darem qualidade

de vida aos seres humanos e à Criação. Além disso, a ecoteologia contribui diretamente para uma espiritualidade planetária, ou seja, sentir, amar e pensar como terra. Assim, espiritualidade ecológica é “toda a orientação sua centralidade na realidade-vida (não na vontade de poder, nem na acumulação, nem no prazer), tomada em seu sentido mais amplo e globalizador possível, como é o espírito no universo” (BOFF, 2015, p. 384).

A ecoteologia é um movimento de síntese e ruptura da teologia contemporânea, um pensamento de fronteira. Síntese porque recolhe da grande Tradição, dos autores e da sistemática os elementos necessários para sua teologia e construção de seu discurso e práxis. É também ruptura, pois supera as estruturas de uma teologia tradicional e secularizada. Contudo, ela não pretende ser a chave hermenêutica da teologia, mas sim parte integrante dela.

Uma perspectiva, um enfoque que permite reorganizar dados da fé, inferir, dialogar, aprofundar. Ela influencia a produção da teologia ao colocar perguntas decisivas no momento de realizar o *intellectus fidei*, a mediação hermenêutica propriamente teológica, que utiliza a bíblia e a Tradição eclesial, sensível aos “Sinais dos Tempos” (MURAD, 2016, p. 222).

A ecoteologia tem uma dimensão pastoral e presta um serviço essencial na comunidade eclesial nos tempos hodiernos. Ela vem trazer a perspectiva do respeito e da cooperação com a Criação, dado que os seres humanos são terra (Gn 2,7) e constituídos dos mesmos elementos do planeta. Assim, a ecoteologia recolhe a contribuição da Tradição eclesial (Escrituras, papas, teólogos), bem como de filósofos, cientistas, e organizações da sociedade civil, a fim de criar relações e promover uma consciência transformadora da realidade nos aspectos ecológicos de justiça, paz e bem viver (LS, n. 7).

Por fim, a ecoteologia articula na teologia dois princípios: holístico e holográfico. O todo é maior do que a soma das partes, e em cada parte encontra-se algo do todo (MURAD, 2016, p. 233). Essas perspectivas reforçam um aspecto imprescindível para o fazer e agir teológicos: a unidade. Deve-se pensar de forma relacional e não de forma fragmentada, como se vê em algumas ciências. A ecoteologia deve ser referência na produção de conteúdos sempre interrelacionados: bíblia, sistemática, espiritualidade e pastoral. Por isso, diz Murad, é preciso que a teologia seja mais “eco-lógica”, ou seja, capaz de relacionar as áreas e se identificarem como interdependentes (MURAD, 2016, p.233).

## 2.2 GRANDES TEMAS A PARTIR DA ECOTEOLOGIA

Na reflexão gerada pela ecoteologia estão aglutinados os grandes temas da chamada doutrina cristã. Essa tessitura revela a “ecologia” do pensamento teológico no que se refere aos “sistemas” disciplinares e sua relação com o todo, sempre na perspectiva holográfica e holística. Pois bem, a contribuição da teologia ecológica para os grandes temas da dogmática

cristã é, principalmente, a abertura às novas propostas de interpretação a partir das descobertas tanto da teologia quanto das diferentes ciências.

Na *cristologia*, lugar privilegiado para aprofundar o conhecimento sobre Jesus de Nazaré, o Cristo, Filho de Deus, a ecoteologia reforça o movimento teológico atual de voltar às fontes, ou seja, voltar a Jesus e ver n'Ele a ação, dom de Deus, que faz com que os cristãos se comprometam na defesa do oprimido, na busca da justiça e liberdade, na construção do Reinado de Deus. Assim, imbuída do Espírito de Cristo que renova todas as coisas (2Cor 5,7), a ecoteologia proclama-o “primogênito de toda criação” (Cl 1,15) e o articula a uma cristologia cósmica: “Indo por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15). Ou seja, o projeto salvífico de Cristo estende-se a toda a obra criada (MURAD, 2016, p. 226).

Vejamos a *pneumatologia* na ecoteologia. Moltmann afirma que a reflexão sobre o Espírito Santo “deverá ser diferenciada segundo a forma da sua automanifestação como sujeito, como força ou como possibilidade” (MOLTMANN, 1993, p. 31). A sua ação criadora é também mantenedora, renovadora ou consumadora (MOLTMANN, 1993, p. 31). Para Leonardo Boff a *Ruah* é a força cósmica e originante que tudo envolve. É a força que cria e ordena. Esse ar vital está nos seres humanos, nos animais ou em qualquer outro ser vivo (BOFF, 2015, p. 329). Podemos articular, então, a reciprocidade entre a cristologia e a pneumatologia na relação com a Trindade. A relação é comunhão. O Espírito Santo realiza a universalidade da Salvação dada em Cristo.

Já a *antropologia* é eixo de reflexão e lugar imprescindível para pensar a práxis da ecoteologia. A antropologia proposta pela ecoteologia “ensaia uma compreensão cristã do ser humano em relação com a evolução da matéria e a história do cosmos. Realiza importante diálogo com as ciências da natureza e a cosmologia. Além disso, postula uma visão integradora de corpo – alma, matéria e espírito, pessoa e comunidade” (MURAD, 2016, p. 224). A ecoteologia contribui para uma antropologia teológica que não compreende o pecado original como início da história dramática humana, mas vê a predestinação em Cristo como graça originária. E isso favorece a harmonia entre os seres humanos, com a criação e com Deus que encontramos nas narrativas criacionais do Gênesis (1-2).

Uma antropologia lida em perspectiva ecológica fundamenta uma ética cristã significativa. Ou seja, uma ética que compartilha com os outros saberes uma visão sistêmica do universo, reconhecendo-o como “comunidade de vida (biosfera) habitada pelo ser humano e outras criaturas” (MURAD, 2016, p. 227). E, ainda, clama para um novo agir cristão diante do descaso com a “casa comum”, superando o antropocentrismo egocêntrico e dominante que considera a terra apenas como fonte de consumo e lucro (MURAD, 2016, p. 227).

Não poderia faltar, dentre os temas da ecoteologia, os assuntos propriamente ecológicos: sustentabilidade; água; resíduos sólidos; energias e política energética; alimentação; biodiversidade; consumismo e consumo responsável; mobilidade urbana; terra e seu uso correto; cuidado com animais; poluição; fome; a causa indígena; políticas públicas de saneamento, etc. Todas estas áreas de interesses e temas para a ecoteologia devem estar nutridas de uma visão

associada ao ser cristão, conscientes da necessidade de sair de si mesmos rumo aos outros. “Sem essa capacidade não se reconhece às outras criaturas o seu valor, não se sente interesse em cuidar de algo para os outros, não se consegue impor limites para evitar o sofrimento ou a degradação do que nos rodeia (LS, n. 208)”. Leonardo Boff nos diz: “devemos começar a elaborar um modo sustentável de vida em todos os âmbitos, seja na natureza, seja na cultura. Não se trata de salvar nossa sociedade de bem-estar e de abundância, mas de salvar nossa civilização e a vida humana junto com as demais formas de vida” (BOFF, 2012, p.29). Assim, a ecoteologia em diálogo com as ciências ambientais traz ao debate eclesial os problemas e soluções para que haja uma conversão ecológica (MURAD, 2016, p. 229).

### 3. ECOLOGIA INTEGRAL SEGUNDO A *LAUDATO SI*

Antes de introduzir o conceito de ecologia integral na *Laudato Si*, é necessário fazer um sobrevoo sobre o que alguns pontífices escreveram na doutrina social da Igreja, para depois olharmos o texto e o conteúdo da Encíclica de Francisco que ganhou, nos últimos anos, um espaço estimável nos mais variados setores da sociedade, especialmente aqueles que estão preocupados com a situação crítica do nosso planeta.

A questão ecológica na Igreja nunca foi ausente no magistério petrino, mas vista de acordo com o andamento e desenvolvimento da época. Há de destacar-se encíclicas como a *Rerum Novarum (RN)*, de 1891, do papa Leão XIII, que dá início ao quadro da doutrina social da Igreja. Mas, essa preocupação pelo social e as questões emergentes das sociedades não nascem apenas no século 19, pelo contrário, estas questões estão presentes desde a comunidade primitiva onde dividiam os bens de acordo com a necessidade de cada um (At 2,45). Está presente no período patrístico em que os Padres eram também os provedores da justiça e do pão para as suas cidades e comunidades. Em outras palavras, a Igreja nasceu com uma missão social de transformar a terra em Reinado de Deus. Isso implica não só na dimensão cültica, mas social e política.

A vida cristã é pautada na tradição bíblica, mas também nas tradições ao longo dos séculos, passando pelos períodos patrístico, escolástico, medieval, moderno e entrando em uma nova onda transformadora de consciência cristã e participação social com o Concílio Vaticano II (1962-1965). Nele, como se lê na *Gaudium et Spes (GS)*, a Igreja se dispõe e propõe, com novo ardor, a dialogar e promover a salvação da pessoa humana e a restauração da sociedade:

O Concílio, testemunhando e expondo a fé do Povo de Deus por Cristo congregado, não pode manifestar mais eloquentemente a sua solidariedade, respeito e amor para com a inteira família humana, na qual está inserido, do que estabelecendo com ela diálogo sobre esses vários problemas, aportando à luz do Evangelho e pondo à disposição do gênero humano as energias salvadoras que a Igreja, conduzida

pelo Espírito Santo, recebe do seu Fundador. Trata-se, com efeito, de salvar a pessoa do homem e de restaurar a sociedade humana. Por isso, o homem será o fulcro de toda a nossa exposição: o homem na sua unidade e integridade: corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade (GS, n. 3).

O corpo eclesial sempre esteve empenhado, e agora mais do que nunca, em promover um diálogo justo e propulsor de vida. Com a Encíclica de Leão XIII, *Rerum Novarum*, na inauguração de uma doutrina oficial social da Igreja, é possível perceber a semente de uma preocupação pela “casa comum” quando se diz que o homem: “tem o direito de escolher as coisas que julgar mais aptas, não só para prover ao presente, mas ainda ao futuro. De onde se segue que deve ter sob o seu domínio não só os produtos da terra, mas ainda a própria terra, que, pela sua fecundidade, ele vê estar destinada a ser a sua fornecedora no futuro” (RN, n. 5). Uma relação de exploração, bem verdade, mas com orientação e preocupação com as gerações futuras e com a própria terra e sua fecundidade.

No documento *Mater et Magistra* (MM) (1961), de São João XXIII, papa, que recebe muito da RN, diz que “no plano da criação, os bens da terra são primordialmente destinados à subsistência digna de todos os seres humanos” (MM, n. 118). Em um contexto um pouco mais brando do que Leão XIII, João XXIII ainda fala do trabalho dos agricultores como um trabalho privilegiado, pois estão em contato direto com o “templo majestoso da criação”. E ainda “estão em relações frequentes com a vida animal e vegetal, inesgotável nas expressões e inflexível nas leis, a qual lembra constantemente a Providência do Criador; das suas mãos, por assim dizer, brotam, em toda a sua variedade, os alimentos que sustentam a família humana; e com elas proporcionam à indústria um número cada vez maior de matérias-primas” (MM, n. 143). É claro aqui a relação da pessoa humana com a natureza no espaço e imaginário da teologia da criação.

Ainda com São João XXIII, na encíclica *Pacem in Terris* (PT) (1963), a Igreja dá um grande e importante passo para a consciência ecológica que estava começando a eclodir pela Europa e no mundo. Há uma tomada de consciência entre as relações dos seres humanos e o ambiente do qual a humanidade depende para sobreviver, mesmo que com uma admiração ingênua por parte da Igreja sobre as técnicas que favorecem uma ordem e dignidade ao ser humano:

O progresso da ciência e as invenções da técnica evidenciam que reina uma ordem maravilhosa nos seres vivos e nas forças da natureza. Testemunham outrossim a dignidade do homem capaz de desvendar essa ordem e de produzir os meios adequados para dominar essas forças, canalizando-as em seu proveito. Mas o avanço da ciência e os inventos da técnica demonstram, antes de tudo, a infinita grandeza de Deus, criador do universo e do homem (PT, n. 2-3).

Depois, na sucessão de João XXIII, o pontificado social de Paulo VI tem grande riqueza de contribuições em seus documentos: *Populorum progressio* (PP) (1967) e *Octogesima Adveniens* (AO) (1971). Na *Populorum Progressio*, Paulo VI ressalta, como diz o próprio título, o progresso dos povos, mas tendo em vista a necessária responsabilidade com o presente, a fim de garantir o futuro das novas gerações, para tanto, enfatizava-se a “solidariedade universal”, fator importante e dever de todo Cristão (PP, n. 17).

Como se percebe, de João XXIII a Paulo VI vemos a passagem de uma “ecologia criacional” para uma “ecologia ambiental”. E, segundo Agenor Brighenti, o passo será ainda maior entre João Paulo II e o papa emérito, Bento XVI, que produzem, em muitas de suas cartas, uma “ecologia humana” (BRIGHENTI, 2018, p. 41). João Paulo II, na *Centesimus Annus* (CA) (1991), em comemoração ao centenário da *Rerum Novarum*, explicita, pela primeira vez, o termo “ecologia humana”, embora o conteúdo já tenha sido trabalhado em Encíclicas anteriores. A Encíclica conclama ao perigo do consumismo tanto para o corpo, quanto para o espírito, inclusive colaborando para a destruição do ambiente humano, que na linguagem de hoje, adotada pelo papa Francisco, é a Casa Comum. O papa João Paulo II, diz:

Igualmente preocupante, ao lado do problema do consumismo e com ele estritamente ligada, é a questão ecológica. O homem, tomado mais pelo desejo do ter e do prazer, do que pelo de ser e de crescer, consome de maneira excessiva e desordenada os recursos da terra e da sua própria vida... Em vez de realizar o seu papel de colaborador de Deus na obra da criação, o homem substitui-se a Deus, e deste modo acaba por provocar a revolta da natureza, mais tiranizada que governada por ele. Além da destruição irracional do ambiente natural, é de recordar aqui outra ainda mais grave, qual é a do ambiente humano, a que se está ainda longe de prestar a necessária atenção. Enquanto justamente nos preocupamos, apesar de bem menos do que o necessário, em preservar o «habitat» natural das diversas espécies animais ameaçadas de extinção, porque nos damos conta da particular contribuição que cada uma delas dá ao equilíbrio geral da terra, empenhamo-nos demasiado pouco em salvaguardar as condições morais de uma autêntica “ecologia humana” (CA, n. 37-38).

É clara e objetiva a posição do pontífice em relação à ecologia, tanto da natureza quanto a humana, como ele chama. E ainda mais, é relevante a mensagem incisiva para a criação de uma consciência capaz de transformar a realidade, tendo em vista não só o agora, mas do ambiente para as gerações futuras, bem como a saúde da terra. O papa Bento XVI, herdeiro de todo esse arcabouço magisterial dos seus antecessores, elaborou na *Caritas in Veritate* (CV) (2009), uma argumentação acerca da “ecologia humana” de João Paulo II, relacionando três elementos: ser humano, natureza e Deus, o Criador (BRIGHENTI, 2018, p. 42). O papa ressalta a importância das relações equilibradas, dado que a relação da pessoa com a natureza é espelho da relação que tem consigo mesmo, com o outro e com Deus.

A natureza é expressão de um desígnio de amor e de verdade. Precede-nos, tendo-nos sido dada por Deus como ambiente de vida. Falamos do Criador (Rm 1,20) e do seu amor pela humanidade. Está destinada, no fim dos tempos, a ser “instaurada” em Cristo (Ef 1,9-10; Col 1,19-20). Por conseguinte, também ela é uma “vocação”. A natureza está à nossa disposição, não como “um monte de lixo espalhado ao acaso”, mas como um dom do Criador que traçou os seus ordenamentos intrínsecos dos quais o homem há de tirar as devidas orientações para a “guardar e cultivar” (Gn 2,15). Mas é preciso sublinhar também que é contrário ao verdadeiro desenvolvimento considerar a natureza mais importante do que a própria pessoa humana. Esta posição induz a comportamentos neopagãos ou a um novo panteísmo: só da natureza, entendida em sentido puramente naturalista, não pode derivar a salvação para o homem. Por outro lado, há que rejeitar também a posição oposta, que visa a sua completa tecnicização, porque o ambiente natural não é apenas matéria de que dispor a nosso bel-prazer, mas obra admirável do Criador, contendo nela uma «gramática» que indica finalidades e critérios para uma utilização sábia, não instrumental nem arbitrária (CV n. 38).

Papa Bento XVI reconhece os perigos que há entre os polos, mas também não deixa de ressaltar a importância da terra, já que somos “senhores” e responsáveis pela obra criada. Para Agenor Brighenti, Bento XVI faz um convite a revisar o estilo de vida moderno que é inclinado ao hedonismo e consumismo e constrói um ambiente indiferente aos danos que provém de tais atitudes (BRIGHENTI, 2018, p. 42).

### 3.1 LAUDATO SI (LS)

A *Laudato Si*, encíclica publicada pelo papa Francisco em 2015 é, na Doutrina Social da Igreja e nos documentos oficiais do Magistério, o primeiro texto a tratar especificamente da questão ecológica, gravemente afetada nos tempos atuais. Segundo teólogos e estudiosos, é um dos textos mais bem elaborados e profundos sobre a situação do nosso sistema. Além de uma grande bagagem científica, recebendo colaboração de grandes pesquisadores, teólogos, ecologistas, economistas e cientistas, o documento é um grande apelo profético, invocando em seu título o cântico de Francisco de Assis, pai da ecologia, onde se entoa o “Louvado sejas, meu Senhor” (LS, n. 1).

Seis capítulos, 246 parágrafos e duas orações compostas pelo pontífice – no final – compõem a Encíclica do Papa Francisco. O texto vem debulhar a crise ecológica, bem como suas causas e propõe um caminho novo e transformador, algo que veremos mais adiante. Segundo Paulo Suess, “antes de os pobres conseguirem articular uma ‘greve geral’, a natureza sinalizou seus protestos através da crise do meio ambiente, amplamente descrita na LS”

(SUESS, 2017, p. 7). Ainda o mesmo autor diz: “A LS se dirige ao mundo inteiro. Para isso, faz uso da metodologia indutiva e latino-americana do ver-julgar-agir, denuncia uma concepção idolátrica e mágica do mercado e protesta contra uma economia que exclui os mais pobres” (SUESS, 2017, p.8). O próprio autor, Papa Francisco, descreve no parágrafo 15 da Encíclica o conteúdo de cada capítulo, a saber: no 1º capítulo encontra-se uma breve resenha da situação ecológica, utilizando-se das pesquisas científicas atuais. No 2º capítulo retoma alguns aspectos da tradição judaico-cristã, como a vocação do ser humano em relação ao criador e à obra criada, para facilitar a relação com o meio ambiente. O 3º capítulo busca levantar as raízes da situação atual, não apenas vendo o superficial, os danos, mas as causas mais profundas. O 4º capítulo é o centro e coração da Encíclica, apresenta o conceito de “ecologia integral” buscando relacionar a pessoa humana, o mundo e as realidades circundantes. O 5º disponibiliza linhas de ação, propondo um diálogo claro e sincero, a fim de promover o diálogo político internacional. Finalmente, no 6º capítulo, depois de um longo e denso caminho, propõe linhas de maturação inspiradas na riqueza da espiritualidade cristã.

Percebemos na *Laudato Si* alguns eixos (LS, n. 16) que fazem com que todo o seu conteúdo circunde sua órbita e construa um pensamento sistemático. Pelo que se percebe a partir da divisão dos capítulos, os eixos são: *teologia da criação*: o valor de cada criatura e a criação não está meramente ao serviço do ser humano, mas em relação. *Tudo está interligado*: o sofrimento da terra é também sofrimento dos pobres, pois estes são os primeiros atingidos. Crítica ao *antropocentrismo moderno*: derivado da tecnocracia, engolindo a ciência e a tecnologia pelo simples fato do acúmulo de capital, causando a coisificação do ser humano e o sucateio da natureza. *Ecologia Integral*: promoção de uma ecologia que englobe o social, o cultural, a economia, o humano, a política e a vida cotidiana. *Sobriedade feliz*: capacidade integradora de vida, um novo estilo de vida respeitando os limites da natureza, bem como uma reeducação econômica, ecológica e política. Um exercício constante para romper com as estruturas internas de consumo desregrado. E, por fim, *propostas concretas*: debates sinceros e honestos levando a bandeira da responsabilidade política internacional e local, denunciando a cultura do descarte e propondo um novo estilo de vida.

### 3.2 ECOLOGIA INTEGRAL (EI)

Muitas são as ecologias e muitos são os eixos que compõe esta “Encíclica verde” do papa Francisco. Contudo, a escolha pela ecologia integral é porque ela engloba e articula as demais ecologias, ampliando a reflexão da teologia, conseqüentemente, da ecoteologia. O nosso conceito encontra-se no quarto capítulo da Encíclica, onde encontramos as ecologias ambiental (LS, n. 139), econômica (LS, n. 141), social (LS, n. 142), cultural (LS, n. 143-146), da vida cotidiana (LS, n. 147-155) e também um dos princípios básicos da Doutrina Social da Igreja, o Bem Comum (LS, n. 156-158) e a justiça intergeracional (LS, n. 159-162). Sublinharemos os temas gerais deste capítulo para depois, na complexidade, entendermos o que significa a proposta de Francisco quando fala de Ecologia Integral.

O chavão, se assim podemos dizer, do papa Francisco e de seu pontificado é o da “Igreja em saída”. Nesta perspectiva, segundo a *Evangelii Gaudium* (EG), a Igreja deve encontrar o “modo para fazer com que a Palavra se encarne numa situação concreta e dê frutos de vida nova” (EG, n. 24). E a ecologia, hoje, é a chance e o sinal mais urgente para encarnar a ação evangelizadora e criarmos uma rede de cristãos capazes de articular todos os elementos de uma ecologia integral. Para o papa, é necessário que tenhamos uma noção de ecologia afim de “que integre o lugar específico que o ser humano ocupa neste mundo e as suas relações com a realidade que circunda” (LS, n. 15). Como há uma crise generalizada, socioambiental, a ecologia integral vem dar uma resposta concreta com a promoção dos pobres e marginalizados e o cuidado do planeta imbuídos por uma nova forma de ser no mundo cristãos conectados com o planeta.

Ainda segundo o papa, além das ecologias já presentes na Doutrina Social da Igreja (DSI): criacional, ambiental e humana (BRIGHENTI, 2018, p. 43), uma ecologia com capacidade efetiva precisa articular a economia, a sociedade, a cultura e vida cotidiana, bem como renovar e repaginar o princípio do Bem-Comum e a consciência responsável intergeracional. Há de conceber o conceito de ecologia integral sempre na perspectiva holística e holográfica de relações entre os seres não como particularidades, mas na perspectiva de casa comum, de partilha de espaço (LS, n. 140). Assim, para melhor explicitar as particularidades de cada ecologia, destacaremos algumas definições:

1) Ecologia econômica: normalmente o crescimento econômico, em sua “mão invisível<sup>3</sup>”, gera um sistema próprio que reduz custos e aumenta o lucro, por vezes causando danos e consequências, seja para o meio ambiente, seja para a força laboral. A ecologia econômica vem ao encontro dessa realidade e considera o fluxo do mercado, suas exigências, observa e protege os recursos humanos, bem como tenta minimizar, preocupando-se com o meio ambiente, sabendo que isso também evoca outros contextos como família, cidades, psicológico individual e coletivo. Ou seja, há uma interação entre os mundos que compreendem a sociedade e o planeta.

2) Ecologia Social: Uma ecologia social é capaz de contribuir para articular leis que protegem não só o meio ambiente, mas também as pessoas (LS, n. 142). Para o papa Francisco há uma ligação direta entre as questões ambientais, sociais, humanas que não podem ser vistas de forma fragmentada (LS, n. 139).

3) Ecologia Cultural: O patrimônio cultural – identidade de um povo: música, culinária, arquitetura, arte, etc. – é tão ameaçado quanto o patrimônio natural. Assim, “a ecologia envolve o cuidado das riquezas culturais da humanidade no seu sentido mais amplo” (LS, n. 143). O consumismo, impulsionado pelo processo de globalização vai aglutinando e homogeneizando as culturas, debilitando-as e

3 Termo cunhado por Adam Smith no livro “Riqueza das nações”, sobre a economia, para explicar o movimento regulador da economia. Isso significa, por traz, a menor participação do Estado e a livre ação do mercado.

levando até o seu desaparecimento, o que pode vir a ser “tanto ou mais grave do que o desaparecimento de uma espécie animal ou vegetal” (LS, n. 145).

4) Ecologia da Vida Cotidiana: A EI oferece ferramentas que estão e são integradas à vida diária das particularidades e também dos coletivos, bem como um especial olhar para a vida urbana. Deixa claro que o progresso válido é o que traz qualidade de vida (LS, n. 147). Para falar da generosidade, o papa Francisco dar como exemplo as pessoas mais pobres que têm uma capacidade de transbordar generosidade na partilha, no cuidado com as coisas, pessoas e a natureza. “A vida social positiva e benfazeja dos habitantes enche de luz um ambiente à primeira vista inabitável” (LS, n. 148). Ou seja, a ecologia humana desenvolvida pelos pobres é um exemplo de luta e que deve ser centro na defesa e busca de acesso à habitação. Todos têm direito a uma vida digna, diz o papa. Ele ainda fala do cuidado com os espaços comuns, dos marcos visuais e das estruturas urbanas que são referência e qualidade de vida para todos. Esses elementos dão enraizamento e sentido de pertença a uma cidade, comunidade ou pequenos coletivos (LS, n. 151). O transporte (LS, n. 153) e as comunidades rurais (LS, n. 154) também são lembrados no documento e estão ligados diretamente à qualidade de vida, bem como o acesso a serviços essenciais como saúde, educação e segurança. Outro ponto interessante e não menos importante é a ecologia humana da vida cotidiana que se manifesta na lei moral inscrita na própria pessoa (LS, n. 155). O nosso corpo é sala de relação com o meio ambiente e com os outros seres vivos. O papa Francisco ressalta que é necessário “aprender a aceitar o próprio corpo, a cuidar dele e a respeitar os seus significados” para poder “reconhecer a si mesmo no encontro com o outro que é diferente”. O papa ainda deixa claro que não é “salutar um comportamento que pretenda cancelar a diferença sexual, porque já não sabe confrontar-se com ela” (LS, n. 155).

5) O princípio do bem comum: estabelece que deve haver na sociedade condições para que todas as pessoas se desenvolvam integralmente e de forma plena, por meio de suas habilidades e talentos. “O conjunto de condições da vida social que permitem, tanto aos grupos, como a cada um dos seus membros, atingir mais plena e facilmente a própria perfeição”<sup>4</sup>. Assim, o cuidado pela “Casa Comum” tem em vista o bem comum de todos os viventes. O papa Francisco fala:

Nas condições atuais da sociedade mundial, onde há tantas desigualdades e são cada vez mais numerosas as pessoas descartadas, privadas dos direitos humanos fundamentais, o princípio do bem comum torna-se imediatamente, como consequência lógica e inevitável, um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres (LS, n. 158).

4 PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. Compendio da Doutrina Social da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2005, n. 164.

Pensar o bem comum, hoje, nada mais é do que a política e a economia a serviço da vida, e não o contrário (LS, n. 189), há que prestar atenção aos mais necessitados, pensar a distribuição dos bens e cuidar pela qualidade da política, já que esta é promotora da democracia e legítima defensora dos direitos (LS, n. 198).

6) Justiça intergeracional: está ligado também à noção de bem comum, já que este engloba a preocupação com as gerações futuras. Os avanços tecnológicos e o desenvolvimento irresponsável trouxeram até os nossos tempos uma das piores crises da humanidade, a crise ecológica. Ela delimita a ação do homem com a exploração, não por que a terra é ingrata ou insuficiente, mas pela falta de respeito com o próprio sistema e principalmente com a mãe-terra. O destino, o futuro das novas gerações, assim, é posto em xeque, já que não sabemos até quando ou quanto o nosso planeta suportará tanta indiferença e exploração. A justiça intergeracional é a pergunta sobre “que tipo de mundo queremos deixar para nossos filhos?” (LS, n. 160). A resposta é cruel, pois a natureza já responde com as catástrofes naturais que atingem, em sua maior parte, os mais pobres e indefesos. Segundo Murad, “devemos alargar o horizonte de nossas preocupações. Sejamos atentos às gerações futuras e também aos pobres de hoje, que poucos anos têm para viver nesta terra e não podem continuar a esperar” (MURAD, 2017. p. 475).

Enfim, o que é ecologia integral? Segundo Murad, o adjetivo integral, elemento qualitativo de ecologia, é um composto de “termos próximos: ‘integrar’, ‘integrar-se’, ‘íntegro’ e ‘integrado’, apresentam essa gama de significações: completo, inteiro, saudável, eticamente bom, comunitário, plural e aglutinador” (MURAD, 2017, 476). Ou seja, não é uma ecologia baseada em “meios termos” ou em resultados parciais de investigações, mas um conteúdo integrado e relacional, capaz de ser globalizante e dar respostas às problemáticas atuais abordadas neste artigo. Ecologia não é apenas preservação da natureza ou pertencer a uma ONG que defende as araras azuis ou a tartaruga marinha. Ecologia “estuda as relações entre os organismos vivos e o meio ambiente onde se desenvolvem” (LS, n. 138). Ecologia integral é, portanto, articulação entre as dimensões ambiental, econômica, política, cultural e vida cotidiana. É ser constantemente sensível ao princípio do bem comum e a preocupação pela justiça intergeracional.

A Ecologia Integral é a integração das dimensões da vida e ela pode ser feita e vivida de maneira concreta em gestos individuais e coletivos na cotidianidade (LS, n. 230). É uma proposta, mas, ao mesmo tempo, é uma realidade possível. É geradora de um novo estilo de vida que é levada em destaque com a sobriedade feliz que nos ajuda a crescer na alegria com o necessário. É uma volta à simplicidade de criaturas, mas sem perder os avanços benéficos e tecnológicos que as ciências nos deram. É a capacidade de encantar-se com a vida, em relação com o todo. Ecologia integral é reconhecer na cultura, economia, na sociedade, no dia a dia, que pertencemos a uma grande teia e que o que está em um, está no outro. É a visão harmônica do paraíso. É o querer de Deus para a humanidade. É o pensamento crístico-cósmico da humanidade.

#### 4. CONTRIBUIÇÕES DA *LAUDATO SI* E DA ECOLOGIA INTEGRAL PARA A ECOTEOLOGIA

São inúmeras e variadas as contribuições aportadas pela *Laudato Si* e sua ecologia integral para a ecoteologia. Isso porque, para além da reflexão da teologia ecológica, o Documento contribui para a Doutrina Social da Igreja de forma inovadora e prática, já que suas propostas são aplicáveis e, de fato, necessárias para a contemporaneidade. A *Laudato Si* está neste grande corpo doutrinal onde sua práxis, bem como sua episteme, tornou-se chave e “sinal dos tempos” para a produção teológica, assim como para a ética cristã, convertida e chamada a ser ecológica. Mesmo já apresentada anteriormente, vale lembrar que a Encíclica, para justificar sua aplicabilidade e práxis, no 5º capítulo, tem vários parágrafos dedicados às “Linhas de orientação e ação”. Ou seja, depois de *ver* o que está acontecendo com a nossa casa comum, conhecer (julgar) as fundamentais crises e suas raízes, agora toca o agir que proporciona a adequação da fé e a prática.

Dessa maneira, já que este ponto 4 do artigo atem-se à contribuição ou às contribuições do documento papal para a ecoteologia, e esta, por sua vez, é pastoral por estar a serviço da evangelização e da sociedade (MURAD, 2016, p. 230), primeiramente apresentamos o aporte prático do papa para a vida, seja individual ou coletiva, bem com aspectos micro e macro como um todo, e depois apontaremos algumas contribuições teológicas, como sendo os grandes e, talvez, principais aportes para o estatuto epistemológico da ecoteologia que é a ecoespiritualidade, a ética ecológica e os desafios das religiões para o diálogo com as ciências.

É interessante perceber que, apesar de ser um documento cristão-católico, a *Laudato Si* possui uma capacidade exponencial de dialogar com as ciências, é como se estivesse em uma sala de estar, conversando entre amigos, entre iguais, em busca de soluções para o planeta. Podemos, então, afirmar que a teologia, serviu e serve como elo das mais variadas áreas do saber em prol da vida, do bem viver, da casa comum.

Existe uma grande articulação no documento papal entre as ciências ambientais, políticas e econômicas quando descreve o que está acontecendo com a nossa casa (LS, n. 17-61). Depois, o Evangelho, fonte e nutriente de toda doutrina, surge como luz e sabedoria diante do convite a toda criatura a voltar à harmonia criadora. O Evangelho e os estudos bíblicos, fomentam com seus discursos uma comunhão universal, ou seja: “tudo está interligado. Por isso, exige-se uma preocupação pelo meio ambiente, unida ao amor sincero pelos seres humanos e a um compromisso constante com os problemas da sociedade” (LS, n. 91). Iluminado pela palavra de Jesus, o documento vai às raízes dos problemas e denuncia o antropocentrismo moderno e a tecnocracia como fontes dos desmandos do ser humano e sua ocupação no mundo (LS, n. 101).

A crise do antropocentrismo moderno deu espaço para que a tecnologia assumisse a realidade (LS, n. 115). A pessoa já não se sente parte da natureza, mas apenas um agente transformador. Essa concepção faz surgir os desequilíbrios e os exageros que resultaram nos danos irreversíveis de hoje. O homem, diz o papa, “se não redescobre o seu lugar, compreende-se

mal a si mesmo e acaba contradizendo a sua própria realidade” (LS, n. 115). Francisco continua: “Não haverá uma nova relação com a natureza, sem um ser humano novo” e ainda, “não há ecologia sem uma adequada antropologia” (LS, n. 118).

Se a técnica veio para agregar e dar aporte a vida humana afim de melhorá-la e dar qualidade com seus avanços (LS, n. 103), a tecnocracia é a instrumentalização do poder que as ciências e as tecnologias são. Como o homem moderno não foi educado para lidar com o poder (LS, n. 105), os instrumentos que traziam liberdade tornam-se instrumentos de opressão. Se antes a relação entre homem e natureza era de observação, admiração e respeito, agora, por sua vez, é de extração e exploração. Ou seja, o problema é como o ser humano assumiu a tecnologia. A natureza tornou-se fonte de renda (LS, n. 107). Esse paradigma tecnocrático, a propósito, diz o papa: “tende a exercer seu domínio também sobre a economia como sobre a política” (LS, n. 109). E a economia dita o desenvolvimento tecnológico, que por sua vez tem consequências negativas sobre a vida política das pessoas.

Para esses dois problemas raízes, que fizeram aparecer as feridas que hoje se conhece: poluição e mudanças climáticas; a questão da água; perda da biodiversidade; deterioração da vida humana; degradação social, desigualdade planetária e tantos outros problemas, o papa propõe uma contribuição direta à ecoteologia em seu campo da práxis com o documento *Laudato Si*. Assim, ousa tomar para a ecoteologia a perspectiva da *Laudato Si* que procura “delinear grandes os percursos de diálogo que nos ajudam a sair da espiral de autodestruição onde estamos afundando” (LS, n. 163):

#### 1. Diálogo sobre o meio ambiente na política internacional (LS, n. 164-175):

“Um mundo interdependente não significa unicamente compreender que as consequências danosas dos estilos de vida, produção e consumo afetam a todos, mas principalmente procurar que as soluções sejam propostas a partir duma perspectiva global e não apenas para defesa dos interesses de alguns países. A interdependência obrigamos a pensar num único mundo, num projeto comum” (LS, n. 164).

#### 2. Diálogo para novas políticas nacionais e locais (LS, n. 176-181):

“Importa dar um lugar preponderante a uma política salutar, capaz de reformar as instituições, coordená-las e dotá-las de bons procedimentos, que permitam superar pressões e inércias viciosas. Todavia é preciso acrescentar que os melhores dispositivos acabam por sucumbir, quando faltam as grandes metas, os valores, uma compreensão humanista e rica de significado, capazes de conferir a cada sociedade uma orientação nobre e generosa” (LS, n. 181).

#### 3. Políticas e diálogo de transparência nos processos decisórios (LS, n. 182-187):

“Em qualquer discussão sobre um empreendimento, dever-se-ia pôr

uma série de perguntas, para poder discernir se o mesmo levará a um desenvolvimento verdadeiramente integral: Para que fim? Por qual motivo? Onde? Quando? De que maneira? A quem ajuda? Quais são os riscos? A que preço? Quem paga as despesas e como o fará? Neste exame, há questões que devem ter prioridade” (LS, n. 185).

#### 4. Política e economia em diálogo para a plenitude humana (LS, n. 189-198):

“A política não deve submeter-se à economia, e esta não deve submeter-se aos ditames e ao paradigma eficientista da tecnocracia. Pensando no bem comum, hoje precisamos imperiosamente que a política e a economia, em diálogo, se coloquem decididamente ao serviço da vida, especialmente da vida humana” (LS, n. 189).

#### 5. Religiões no diálogo com as ciências (LS, n. 199-201):

“A maior parte dos habitantes do planeta declara-se crente, e isto deveria levar as religiões a estabelecerem diálogo entre si, visando o cuidado da natureza, a defesa dos pobres, a construção duma trama de respeito e de fraternidade. De igual modo é indispensável um diálogo entre as próprias ciências, porque cada uma costuma fechar-se nos limites da sua própria linguagem, e a especialização tende a converter-se em isolamento e absolutização do próprio saber. Isto impede de enfrentar adequadamente os problemas do meio ambiente” (LS, n. 201).

Outras contribuições, para além dos aspectos políticos e éticos que se podem encontrar em uma ecoteologia, destacamos os aspectos da educação e espiritualidade que se tornam força motriz, geradora e impulsionadora de novas atitudes. Ou seja, diz o papa: “essa consciência basilar permitiria o desenvolvimento de novas convicções, novas atitudes e novos estilos de vida. Surge, assim, um grande desafio cultural, espiritual e educativo” (LS, n. 202). O desafio integrador desse binômio - educação e espiritualidade – é fazer nascer uma nova pessoa. Capaz de não mais se moldar segundo os ditames do consumismo compulsivo, fruto do paradigma tecnocrático, que é movimentado pela economia (LS, n. 203).

Mas há esperanças (LS, n. 205). O ser humano é capaz de olhar para si e, para além de qualquer condicionalismo psicológico e social, traçar novas perspectivas (LS, n. 205). Dessa maneira, “uma mudança no estilo de vida poderia chegar a exercer uma pressão salutar sobre quantos detêm o poder político, econômico e social” (LS, n. 206). A sobriedade feliz (LS, n. 222, 224, 225), termo chave para a compreensão de um novo estilo de vida, é uma proposta tímida, diante do pensamento arraigado de “que se pode consumir tudo, pois nada há de se acabar” (SUESS, 2017, p. 11). Porém, apesar de tímida, ainda segundo o mesmo autor: “A sobriedade feliz rompe com a lógica alienante do senso comum que, muitas vezes, é a perversão do bom senso e da possibilidade do “bem viver” (SUESS, 2017, p. 13). Dessa forma, a sobriedade feliz é

também resultado de uma educação que tem vários âmbitos: escolar, familiar, comunicação social, catequese e outros (LS, n. 213), já que para além do cuidado com o uso responsável da água, papel ou plástico, está a consciência diante da educação com a economia e o incentivo de um comportamento maduro e digno do cristão (LS, n. 211).

A conversão ecológica é o grande passo, fruto de todo esse trabalho do papa Francisco. E, pelo que se percebe no desenrolar do texto, essa conversão, guardada as devidas proporções, é dada pela educação e espiritualidade. Esta última nasce na fé, advinda com o anúncio do Evangelho, e tem uma mensagem que traz consequências ao modo de pensar, sentir e viver. Assim, uma espiritualidade ecológica é capaz de fazer cristãos novos, inseridos e transformadores. Uma espiritualidade assim não é apenas para justificar a experiência cristã e os textos bíblicos sobre o cuidar do mundo e ser “defensor do verde”, mas é capaz de elevar a uma consciência de que nem sempre fazemos a vontade de Deus, já que somos parte de um corpo eclesial e chamados a viver “em comunhão com o que nos rodeia” (LS, n. 2016).

#### 4.1 CONTRIBUIÇÃO DA ECOLOGIA INTEGRAL PARA A ECOTEOLOGIA

A ecoteologia tem perguntas que podem traçar alguns elementos próprios de suas preocupações. São elas: qual o lugar do ser humano e dos outros seres criados no grande projeto da Criação? Como a fé Cristã contribui para a transformação e superação dos problemas da contemporaneidade? (MURAD, 2016, 234). Quando se pensa a Ecologia Integral, pensa-se, como já apresentado no ponto (3.2), em uma reflexão integral e relacional de todas as dimensões da vida humana que busca dar uma resposta em perspectiva holística-relacional. Dessa maneira, falar de ecologia integral é falar dos elementos constitutivos da práxis e da ética da ecoteologia. Isso porque, como já vimos, “dado que tudo está intimamente relacionado e que os problemas atuais requerem um olhar que leve em conta todos os aspectos da crise mundial” (LS, n. 137), a ecoteologia está para hoje, como, ousado dizer, a teologia da libertação estava para o tempo da ditadura militar, embora que a teologia latino-americana seja uma grande linha de contribuição e produção da teologia ecológica. A propósito disso, fala Leonardo Boff:

A Teologia da Libertação e a ecologia possuem um ponto comum: o grito. O grito do pobre e do oprimido com seus muitos rostos - a Teologia da Libertação - e o grito da Terra e da natureza exploradas e devastadas - a ecologia. Ambas têm em comum: pensar e agir de tal maneira que esses pobres não precisem mais gritar, porque suas causas e as situação foram atendidas. Daí ser a marca registrada tanto da TdL quanto da ecologia, a opção preferencial pelo pobre, contra sua pobreza e em favor de sua vida, da justiça social e libertação (BOFF, 2015, p. 212).

A ecoteologia é enriquecida pela Ecologia integral de Francisco quando esta se reconhece parte de um todo. A fragmentação é palavra fora do dicionário da ecoteologia e é também da EI. Como diz a LS, n. 138: “os conhecimentos fragmentários e isolados podem tornar-se uma forma de ignorância, quando resistem a integrar-se numa visão mais ampla da realidade”. Ou seja, a Ecoteologia e EI são complementares porque buscam integrar o ser humano na grande rede planetária: o ambiental com o social, o econômico com o cultural, o bem viver com a justiça e assim por diante. A ecoteologia quer propor uma teologia capaz de dar respostas para a problemática ambiental na atualidade e a ecologia integral, e todos os elementos da *Laudato Si*, também o querem. Assim, essas interações e contribuições são complementações que ampliam a reflexão teológica e o quadro da Doutrina Social da Igreja para além de uma consciência planetária saudável e de respeito, isso porque a terra sempre foi solidária à humanidade: “a terra veio em socorro da mulher” (Ap 12, 16). A Ecoteologia e a EI anunciam que agora chegou a vez da humanidade ser solidária à terra.

## 5. CONCLUSÃO EM PERSPECTIVA

“Louvado sejas, meu Senhor” é o canto de São Francisco que deu origem ao título da Encíclica que revolucionou tanto o pensamento ecológico quanto o teológico acerca do cuidado da Casa Comum, proclamado pelo papa Francisco. A profundidade e densidade das pesquisas sobre os temas próprios da ecologia escancaram a realidade de que a reflexão de Francisco foi mais profunda ao buscar a raiz humana da crise ecológica. Tanto a Encíclica como a Ecoteologia se veem imbuídas de uma missão maior do que aquilo que se propuseram a trabalhar. A ecoteologia preocupada com o lugar que a pessoa tem na economia da criação busca traçar caminhos, reflexões que ajudem a reconstruir aquele olhar primeiro de Deus: “E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo era muito bom” (Gn 1,31). A *Laudato Si* e a ecologia integral são esse caminho em perspectiva holística que ilumina os passos da reflexão teológica e científica.

O presente artigo buscou responder às perguntas: o que é ecoteologia? Qual a sua originalidade? Qual a mensagem geral da *Laudato Si*? O que é ecologia integral? Quais contribuições da Encíclica e da Ecologia Integral para a Ecoteologia? E chegou-se a constatação do quanto é admirável observar a grande contribuição da *Laudato Si* para o diálogo entre as ciências, bem como a ampliação da reflexão da teologia ecológica a partir do conceito de ecologia integral. Pensar em perspectiva planetária e relacional onde o ser humano é visto em relação com o todo criado e com as estruturas sociais: cultura, economia, justiça, bem viver e futuras gerações.

A *Laudato Si* contribui de forma incisiva para novos homens e mulheres, conscientes e espirituais, capazes de reconhecer-se dentro de um projeto cósmico de salvação, respeitando os limites da Terra em benefício de todos. E a reflexão teológica ganha cor e vigor diante de um espraiamento de ações coletivas e individuais que engrossam o caldo de uma teologia com os pés no chão, capaz de transformar a realidade e essa, por sua vez, transformar a

teologia. A situação atual é crítica e exige de cada pessoa, coletivos e instituições, o exame de consciência verdadeiro para poder haver a conversão ecológica que é, também, uma conversão comunitária (LS, n. 219). O convite do papa Francisco e da ecoteologia é que o ser humano possa “Viver a vocação de guardiões da obra de Deus, conscientes de que não se trata de algo opcional nem de um aspecto secundário da experiência cristã, mas parte essencial duma existência virtuosa” (LS, n. 217).

## REFERÊNCIAS

- BENTO XVI, papa. *Motu Proprio Porta Fidei*. São Paulo: Paulus, 2012.
- BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres: dignidade e direitos da mãe terra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Sustentabilidade: o que é - o que não é*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BRIGHENTI, Agenor. *A Laudato Si no pensamento social da Igreja: Da ecologia ambiental à ecologia integral*. São Paulo: Paulinas, 2018.
- FRANCISCO, papa. Carta encíclica *Laudato Si*. São Paulo: Paulus: Loyola, 2015. (Documentos do Magistério)
- \_\_\_\_\_. Exortação apostólica *Gaudete et Exultate*. São Paulo: Paulus, 2018. (Magistério)
- GIBELINNI, Rosino. *A teologia do século XX*. Tradução João Paixão Netto. 3ª Ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- LIBANIO, J. B. *Teologia da libertação*. Roteiro didático. São Paulo: Loyola, 1987.
- MOLTMANN, J. *Deus na criação: Doutrina ecológica da criação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Ética da Esperança*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- MURAD, Afonso. (org) *Ecoteologia: um mosaico*. São Paulo: Paulus, 2016.
- \_\_\_\_\_. Fé Cristã e Ecologia: o diálogo necessário. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte – MG, v. 40, n. 111, p. 229- 242, maio/ago. 2008.
- \_\_\_\_\_. Laudato Si e a Ecologia Integral. Um novo capítulo da Doutrina Social da Igreja. *Revista Medellín*, Bogotá – Colômbia, v. 43, n. 168, p. 469-494, maio/ago. 2017.
- \_\_\_\_\_. O núcleo da ecoteologia e a unidade da experiência salvífica. *Revista Pistis Praxis*, Curitiba - PR, v.1, n.2, p. 227-297, jul./dez. 2009.
- SUESS, Paulo. *Dicionário da Laudato Si: Sobriedade feliz*. São Paulo: Paulus, 2017.
- Centesimus Annus* in Encíclicas de João Paulo II. São Paulo: Paulus, 1997. p. 653-741 Vol. 4. (Coleção Documentos da Igreja).
- Gaudium et Spes* in DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 1997. p. 539-677. V. 1 (Coleção Documentos da Igreja).
- Mater et Magistra* in DOCUMENTOS DE JOÃO XXIII. São Paulo: Paulus, 1998. p.144-219. Vol. 2. (Coleção Documentos da Igreja).
- Pacem in Terris* in Documentos de João XXIII. São Paulo: Paulus, 1998. p. 322-378. Vol. 2. (Coleção Documentos da Igreja).

*Populorum Progressio* in Documentos de Paulo VI. São Paulo: Paulus, 1997. p.109-153. Vol. 3. (Coleção Documentos da Igreja).

*Rerum Novarum* in DOCUMENTOS DE LEÃO XIII. São Paulo: Paulus, 2005. p.419-461. Vol. 12. (Coleção Documentos da Igreja).